

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)

**Léon Denis**

## **O Espiritismo e o Clero Católico**

## **Conteúdo resumido**

Classificado como uma das brochuras de defesa, este era um dos meios pelo qual Léon Denis respondia aos ataques contra o Espiritismo. Opondo argumentos em sua maior parte oriundos das experiências psíquicas com ilustres padres da Igreja, Denis respondeu em defesa do Espiritismo usando até mesmo as expressões intelectuais católicas.

Ao final, ele faz uma análise da reencarnação, e termina este estudo mostrando o aspecto consolador da Doutrina Espírita.

## **Sumário**

<b>Apresentação.....</b>	<b>4</b>
--------------------------	----------

### **Primeira Parte**

<b>O Espiritismo e as Contradições da Igreja.....</b>	<b>6</b>
---	----------

Capítulo I .....	6
------------------	---

Capítulo II .....	14
-------------------	----

Capítulo III.....	17
-------------------	----

### **Segunda Parte**

<b>A Reencarnação e a Igreja.....</b>	<b>23</b>
---------------------------------------	-----------

Capítulo IV .....	23
-------------------	----

Capítulo V .....	32
------------------	----

Capítulo VI .....	37
-------------------	----

<b>Conclusão .....</b>	<b>42</b>
------------------------	-----------

<b>Transcrição .....</b>	<b>44</b>
--------------------------	-----------

## **Apresentação**

Ao trazermos a público *O Espiritismo e o Clero Católico*, procedemos de acordo com o plano de trabalho do Centro que é o de publicar toda a obra impressa de Léon Denis.

O livro foi classificado por Gaston Luce, o ilustre biógrafo de Denis, como “uma das brochuras de defesa”. Esse era um dos meios pelo qual Léon Denis respondia aos ataques contra o Espiritismo.

Na época em que foi escrito (1921) encontramos um Léon Denis já alquebrado de forças; ele desencarnaria seis anos mais tarde, porém com enorme vigor intelectual e sempre pronto a responder a quem atacasse o Espiritismo. E isto ele o fez admiravelmente, não poupando esforços nem mesmo procurando adocicar quaisquer palavras. Seus raciocínios claros trazem a verdade para os leitores. Opondo argumentos, em sua maior parte oriundos das experiências psíquicas com ilustres padres da Igreja, Denis respondeu em defesa do Espiritismo usando até mesmo as expressões intelectuais católicas.

Ao final, o mestre faz uma análise da reencarnação. Novamente usando os argumentos do padre Coubé, ele mostra que a reencarnação é nada mais nada menos que a crença comum dos primeiros cristãos. Denis perpassa os olhos pela História e nos mostra que, em pleno século IV, São Jerônimo “já reconhecia que a crença nas vidas sucessivas era a da maioria dos cristãos do seu tempo”.

Os argumentos de Denis eram, portanto, em sua maior parte, calcados nas experiências dos padres da Igreja.

Ele termina este estudo mostrando o aspecto consolador da Doutrina Espírita. Esse aspecto, aliás, constitui uma pedra de tropeço nos que rejeitam a reencarnação. Normalmente, os que a ela se opõem o fazem por interesses pessoais, porque não há quem

não se renda às lições sublimes de amor e compreensão humanas tão bem apregoadas e sintetizadas pelo Espiritismo.

Entregando aos leitores mais este livro, sentimo-nos satisfeitos pela excelente e substancial obra assinada pelo “professor de confiança” que foi Léon Denis.

Altivo Carissimi Pamphiro

# **Primeira Parte**

## **O Espiritismo e as Contradições da Igreja**

### **Capítulo I**

A campanha contra o Espiritismo, pelo clero católico, prossegue ativamente.

O padre Coubé, em suas viagens de pregações e suas conferências na Madalena, em Paris, iniciou os ataques, continuados sob a forma de artigos que publicou mensalmente na revista *L'Idéal*.<sup>1</sup>

A seu turno, o padre Mainage, dominicano muito apreciado em seu meio, saiu em seu socorro na *Libre Parole* e na *Revue des Jeunes*.

Seu exemplo foi imitado por todos os lados. Atiraram contra nós do alto dos púlpitos e do fundo dos confessionários.

Tudo isso ainda não pareceu suficiente. A artilharia pesada do Vaticano entrou no combate. Numa reunião plenária, os cardeais inquisidores do Santo Ofício, em Roma, proibem que os fiéis freqüentem as reuniões e os estudos espíritas, “mesmo que tenham uma aparência honesta e piedosa”.

Após alguns dias, o Papa Benedito XV aprovava essa resolução e o arcebispo de Paris, na *Semaine Religieuse* solicitava que seus diocesanos lhe dessem a mais séria atenção.

Assim, todos os canhões da Igreja trovejam em conjunto contra o pobre Espiritismo, que nem por isso sofre qualquer mal.

O Espiritismo já conheceu muitos outros assaltos, ele é tão antigo quanto o mundo e durará tanto quanto ele, porque repousa em base indestrutível: a Verdade.

Seus adversários podem revoltar-se contra ele, mas só conseguirão chamar a atenção do público a seu favor e aumentar o número de seus adeptos. É o que acontece em todos os casos análogos. Só nos cabe desejar que nossos contraditores continuem tão eficaz propaganda.

Procuramos, debalde, uma explicação justa na decisão do Santo Ofício. Sua proibição não vem seguida de qualquer explicação.

Ficamos limitados a nos socorrermos dos argumentos dos pregadores da imprensa católica para descobrirmos os motivos que originaram tal resolução.

Em seus sermões e durante uma entrevista concedida a um redator do *Matin*, o padre Coubé reconhece a realidade dos fenômenos espíritas e até apresenta pormenores, demonstrando um certo interesse, porém os atribui a uma intervenção satânica. Em seus artigos no *L'Idéal*, repete, incessantemente, a questão do inferno.

O padre Mainage, na *Revue des Jeunes*, de 25 de abril de 1917, não se apresenta menos radical.

Os fenômenos espíritas, disse ele, têm por origem “um mau princípio, muito ardiloso ao empregar os meios de cegar as almas e de as perder”.

No prefácio que fez ao livro da senhora H. Minck-Jullien, *Les Voices de Dieu*,<sup>2</sup> ele ainda fala da intervenção do diabo nos fatos espíritas.

Encontramo-nos diante da antiga teoria satânica, bastante odiosa. É pena ver homens inteligentes, dotados de real talento, recorrer a argumentos tão desgastados. Entretanto, a palavra de ordem foi dada, o tema foi imposto e é preciso obedecer!

Lamentamos as boas almas, constrangidas a aceitar tarefa tão ingrata!

Não mais nos deteremos numa tese que refutamos muitas vezes <sup>3</sup> e que apenas faz despertar um sorriso zombeteiro nos lábios daqueles a quem ousam apresentá-la. Nós nos limitaremos a contrapor às opiniões dos padres Coubé e Mainage, as dos teólogos cuja autoridade é incontestável.

De início, citemos monsenhor Chollet, bispo de Verdum, <sup>4</sup> antigo professor de Faculdade Católica.

Em sua brochura intitulada *Contributions de l'Occultisme à l'Anthropologie*, página 58, criticando nossa doutrina, ele reconhece que as ciências ditas “ocultas” apresentam uma valiosa contribuição à Antropologia, bem como à Biologia, à Psicologia, à Moral, à Ciência das Religiões, à Etnografia e acrescenta:

“Pensamos, pois, que não devemos admitir facilmente a ação do demônio nos fatos do ocultismo, e que se essa ação neles se exerce, isso só acontece muito raramente”.

O eminente prelado inglês, monsenhor Benson, filho do falecido arcebispo de Cantorbery, convertido à religião católica, e que faz parte da diocese de Westminster, em Londres, expunha ao *Daily Express* <sup>5</sup> sua maneira de ver o Espiritismo:

“Estou convencido de que certas manifestações psíquicas nos possibilitam relações com as almas dos mortos...

Toda a raça humana sente a presença real das almas ao seu derredor, há muitos séculos. Já foram registradas manifestações dos espíritos e já se falou de casas mal-assombradas. O fenômeno tem um fundo de verdade...

De minha parte, imagino que o mundo dos espíritos se agita em torno de nós, exercendo seu poder, e que alguns desses espíritos, em casos cujas condições exatas nos escapam, aparecem verdadeiramente.”

O célebre padre Lacordaire, em uma de suas *Lettres à Mme. Swetchine* (20 de junho de 1853), assim se expressava:

“Já vistes as mesas girarem e já as ouvistes falar? Eu desdenhei de vê-las girar, como algo muito vulgar, mas eu as ouvi e as fiz



falar. Elas me disseram coisas muito importantes sobre o passado e o presente.<sup>6</sup>

Por mais extraordinário que isso pareça, para um cristão<sup>7</sup> que acredita nos espíritos, é apenas um fenômeno bem vulgar e bem pobre.

Em todas as épocas houve processos mais ou menos bizarros para a comunicação com os espíritos, porém antigamente fazia-se mistério com esses processos, como se fazia mistério com a Química. A Justiça, por meio de execuções terríveis, lançava na sombra essas estranhas práticas.

Hoje, graças à liberdade dos cultos e da publicidade universal, o que era um segredo tornou-se uma fórmula popular. Certamente, por essa divulgação, Deus quis proporcionar o desenvolvimento das forças espirituais, a fim de que o homem não se esquecesse, em presença das maravilhas da mecânica, de que há dois mundos inclusos um no outro: o dos corpos e o dos espíritos.

Aos cardeais do Santo Ofício lembraremos o que dizia o não menos eminente cardeal Bona, tão justamente cognominado o “Fénelon da Itália”, em seu *Traité du Discernement des Esprits*.

“É espantoso que haja homens de bom senso que tenham ousado negar inteiramente as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuí-las a uma imaginação iludida ou, então, à arte dos demônios!”

Ainda é preciso citar autoridades mais altas:

Santo Agostinho, em *De Cura pro Mortuis*, dá sua opinião nesses termos:

“Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendar-lhes o futuro, que eles conhecem, seja por intermédio de outros espíritos, pelos anjos ou por uma revelação divina”.<sup>8</sup>

E, mais adiante, acrescenta:

“Por que não atribuir essas atuações aos espíritos dos defuntos e não acreditar que a Divina Providência faz um bom uso de tudo, para instruir os homens, consolá-los ou assustá-los?”

São Tomás de Aquino, o “Anjo da Escolástica”, diz-nos o abade Poussin, professor no Seminário de Nice, em sua obra *Le Spiritisme devant l'Église* (1866): “comunicava-se com os habitantes do outro mundo, com mortos que lhe informavam sobre o estado das almas pelas quais ele se interessava, com santos que o reconfortavam e lhe abriam os tesouros da ciência divina”.

Diante de tantas contradições, como ficam a magnífica unidade de vistas, a pura doutrina infalível, o dogma intangível que era a magnificência da Igreja Romana?

Os homens que se supõem os representantes de Deus na Terra, os fiéis intérpretes de sua palavra, os que se julgam com o direito absoluto de governar nossas consciências, esses ficam hesitantes, vacilantes, em face dessa questão capital: as condições da vida futura e as relações entre vivos e defuntos!

Será, portanto, ao Espiritismo que a Humanidade irá pedir as certezas e as consolações que lhe são necessárias e das quais está hoje desprovida.

As perplexidades do padre diante desses problemas se revelam de forma chocante no prefácio escrito pelo padre Mainage para o livro da senhora Minck-Jullien, do qual já falamos.

Trata-se de uma jovem senhora, “animada de um ódio inexplicável contra a Igreja”, e que os conselhos do defunto marido reconduzem ao Catolicismo. Diversos fenômenos espíritas concorreram para essa conversão: tiptologia, premonições, etc.

O autor do prefácio está muito embaraçado. “Como explicar esse retorno à fé através de uma intervenção do demônio?”, ele questiona.

Todavia, a Igreja qualifica essas práticas de diabólicas, mas as comunicações obtidas pela senhora Minck não têm necessariamente essa característica.

Deus teria se utilizado do Espiritismo para reconduzir essa senhora ao Catolicismo?

Embora a solução do problema seja tão simples, tão fácil de se encontrar, o padre Mainage se debate em um círculo de contradições e de dificuldades. O distinto religioso, cujas intenções pareciam sinceras, está como que desnordeado nesse domínio que lhe é pouco familiar. Entretanto, ele apresentou a única explicação plausível, citando na página 495 da *Revue des Jeunes*.

“A morte não nos muda, somos no Além o que nós fizemos nesta vida”.

Os espíritos conservam por muito tempo, após a morte, suas opiniões terrenas. Ora, a senhora Minck-Jullien, casando-se, entrara para uma família católica. Seu cunhado era padre e sua cunhada era apegada à devoção. Seu marido, que ela transformara em livre pensador, converteu-se, graças ao Além-Túmulo, por meio de espíritos crentes.

Na primeira manifestação espírita relatada, houve o aparecimento do sogro defunto para afirmar sua fé na vida eterna e sua vontade de atrair, para ela, seu filho ainda vivo (página 43 do citado livro). Este, depois de morto, cedeu às sugestões paternas. Esta é a única solução possível do enigma.

A intervenção do demônio nada tem a ver aqui e essa hipótese não tem outro fim a não ser desacreditar o Espiritismo.

Após ter vislumbrado a verdade como um clarão, o padre Mainage recai em suas dúvidas. No decorrer de suas conferências em S. Luis d’Antin (1920), 6º sermão, e em seu livro *La Religion Spirite* (1921-1922), ainda evoca o espectro de satã.

É bem a neurose diabólica, doença mental que tanto prejudicou na Idade Média, causou tantos males e se perpetua até nós.

A teoria do demônio e do inferno rendeu tantas vantagens à Igreja que ela não hesitará em utilizá-la nas horas difíceis. Entretanto, o que no passado podia impressionar, hoje nada mais suscita que um ceticismo zombeteiro.

Às afirmativas peremptórias proferidas da cátedra, o homem atual preferirá as demonstrações positivas, as experiências sempre

controláveis de um Crookes, de um Myers, de um Lodge, de um Aksakof, de um Lombroso.

O Espiritismo faz, pouco a pouco, sua brecha na Ciência. Os fatos, as provas e os testemunhos se acumulam a seu favor. Grande número de sábios célebres, principalmente na Inglaterra, contam-se entre seus adeptos.

Ele pode olhar o futuro com confiança, considerar com indulgência e serenidade as críticas vãs de que é objeto. A Igreja Romana poderia dizer o mesmo? Não, seguramente.

Debaixo das intemperanças de linguagem de seus defensores, adivinha-se um despeito, um receio de ver nossas crenças substituírem, pouco a pouco, o obscuro e sufocante dogma católico.

Não será, também, rebaixar Deus, como o padre Mainage faz, acreditando em sua intervenção no curso das manifestações de ordem física?

Dir-se-ia que o Catolicismo estava empenhado em amesquinhar Deus e que conseguiu seu propósito com os homens que, na sua maioria, chegaram a perder de vista a majestade divina e o esplendor de suas leis.

A Igreja tinha por missão conservar no homem a noção clara e elevada de Deus e da vida futura. Ora, o materialismo e o ateísmo é que reinam como dominadores na sociedade moderna.

Socorrendo-se sempre do espantallo do inferno e das penas eternas, fazendo de Deus o carrasco de suas criaturas, atribuindo a satã um papel importante no universo, levou o homem à negação.

No decorrer de uma conferência numa cidade do Sul, um bom católico me fez a seguinte objeção:

– O senhor disse que o inferno é um simples produto da imaginação. Eu fui a Nápoles e vi o Vesúvio em erupção; é uma das bocas do inferno que, portanto, é uma realidade.

Repliquei:

– Então o senhor acredita que o inferno se encontra no centro da Terra? Entretanto, tendo sido a Terra uma grande massa ígnea, um globo de fogo, antes de se tornar sólida e de ser habitada, daí resulta que Deus criou o inferno antes de criar o homem. Assim, se poderia comparar Deus a um grande senhor da Idade Média que desejando fundar uma cidade, começaria por mandar construir, no centro, a geena, a casa dos suplícios, o lugar de torturas e diria, em seguida, a todos: “Venham, meus amigos, vos instalar nesse local, que preparei com carinho!”

Com essas palavras, toda a sala foi sacudida por uma enorme hilaridade e o meu contraditor ficou com um ar contristado.

Eis a que chegam tais teorias. Nossos excelentes pregadores católicos duvidam do resultado obtido por seus efeitos oratórios?

A noção de Deus é inseparável da de justiça; quando uma desmorona, arrasta a outra também.

Ora, apesar de todas as argúcias e de todos os sofismas, jamais se poderá conciliar a noção de justiça com a de um inferno perenal. O sentimento, a piedade, a misericórdia não combinam com tais idéias.

Direi a nossos contraditores:

Como recomendais aos fiéis, com convicção, o perdão das ofensas, o esquecimento das injúrias; aconselhais aos pais a indulgência para com seus filhos; gostais de citar a parábola do filho pródigo que, não obstante seus erros, foi acolhido por seu pai, de braços abertos, e fazeis de Deus, Pai de todos, um ser impiedoso e cruel?! Impiedoso por toda a eternidade!

Não sentis qualquer coisa tremer dentro de vós, quando afirmais semelhantes erros, tais absurdos?

## Capítulo II

O padre Coubé, em longo artigo publicado em *L'Idéal*, de julho de 1917, se entrega à exaustiva tarefa de demonstrar a existência de satã.

De início, ele recorre à lenda oriental que o Judaísmo tomou emprestado da Índia e da Pérsia e foi transmitida ao Cristianismo. a seguir, passa em revista todas as fases da suposta história e os diversos modos de ação do “espírito do mal”.

Para ele, os mistérios sagrados do Egito e da Grécia, as brilhantes escolas filosóficas onde mestres veneráveis ensinavam os altos princípios a uma elite intelectual, a uma juventude atenta e interessada, todas as manifestações do gênio antigo não são mais que obra do demônio.

Os sonhos dos poetas, em todos os tempos, os esforços dos escritores e dos artistas para fixarem, no papel ou no mármore, os traços imaginários de satã, são, aos seus olhos, outras tantas provas de sua existência.

Enfim, num estilo colorido, ele conclui dizendo que o Espiritismo não é senão um dos modos de intervenção do “maligno” no mundo moderno.

Não ignoremos que os homens das primeiras idades personificaram as forças da Natureza, os poderes do Bem e do Mal, emprestando-lhes formas humanas. Os orientais principalmente, grandes amadores de metáforas e de hipérboles, enriqueceram todas as suas concepções.

Os livros sagrados da Ásia, e a própria Bíblia, estão saturados de alegorias e de imagens que seria pueril tomar ao pé da letra. Trata-se de coisas orientais, criadas por orientais para outros orientais e que não atendem ao senso prático e realista das raças ocidentais. E nos pretendem impor essas fantasias, por vezes burlescas, como verdadeiras!

O que o padre Coubé pensa que são os seus leitores?

Ele tem a bondade de nos falar que os brâmanes lhe afirmaram que a idéia de satã e do inferno se encontra em sua religião. Não está aí a prova evidente de que os cristãos a copiaram das tradições anteriores de milhares de anos?

“O Espiritismo – escreve o padre Coubé – é o culto de satã!” <sup>9</sup>

Eis uma acusação lançada levianamente. Ela demonstra que os estudos do eminente cônego, a respeito desse ponto, foram muito superficiais.

Um exame mais atento, mais aprofundado, lhe teria provado que o diabo não existe nas manifestações psíquicas.

Vimos que o padre Coubé está em completo desacordo, sobre esse assunto, com monsenhor Chollet, o atual arcebispo de Cambrai, e com outros prelados.

O próprio Santo Ofício, condenando as práticas espíritas, abstém-se de tais comentários e guarda uma prudente reserva.

Com efeito, eis aí um terreno perigoso para a Igreja.

Atribuir nossos fenômenos ao demônio é esquecer as almas do purgatório, a comunicação dos santos, a reversibilidade dos méritos, etc., isto é, tudo quanto resulta de pactos feitos com as entidades do Espaço.

Os verdadeiros teólogos não podem ignorar a analogia gritante que existe entre os fenômenos espíritas e os da mística cristã: audição de vozes, casos de bilocação, levitações, escrita direta, visões e aparições.

Depois os fatos de ordem efetiva: êxtases, arrebatamentos, estigmas, odores balsâmicos, extraordinária acuidade dos sentidos, como os de Santa Gertrudes, Santa Lydwine, a extática Maria Luzzati, etc.

Tudo isso se relaciona diretamente com o Espiritismo experimental. Sem dúvida, as expressões não são as mesmas, porém, no fundo, os fatos e as idéias concordam.

Desafiamos os teólogos para que expliquem de outra forma as estranhas manifestações relatadas na vida dos santos do século XIV

e do século XV, por exemplo as ocorridas na vida de São Vicente Ferrier, na de Santa Brígida, na de Colette-Boilet, etc. Da mesma forma, os fenômenos análogos relatados nas vidas de São Crisóstomo e São Martin de Tours por diversos autores.<sup>10</sup>

Só o Espiritismo, facilitando a descoberta dos estados sutis da matéria, rarefeita ao infinito, tornou compreensível a existência das formas invisíveis da vida e a poderosa ação das forças ocultas.

Os teólogos do futuro, menos cegos pelas prevenções, encontrarão facilmente, no Espiritismo, as provas experimentais para combaterem o materialismo e para ampararem o espiritualismo frágil das Igrejas.

É lógico que um católico ignorante, rotineiro e crédulo não aceitará esses dados, porém, um cristão instruído, esperto, predisposto por sua cultura intelectual e moral às revelações do Além, longe de ver no Espiritismo um inimigo de sua crença, nele encontrará o complemento racional e necessário de sua fé, um novo meio de orientar a sua vida para um rumo mais elevado.



### **Capítulo III**

Satã não é mais que um mito, no entanto, existem espíritos maus que nós sabemos afastar pela oração. Conhecemos a palavra do apóstolo: “Não acrediteis em todos os espíritos, vede primeiro se os espíritos são de Deus”.

Os desagradáveis encontros que podemos ter na fronteira dos dois mundos não são os do demônio, porém os dos homens viciosos desencarnados. Seu estado d’alma não é eterno e eles se aperfeiçoarão, cedo ou tarde.

Acontece mesmo freqüentemente, em nossas sessões, que espíritos atrasados e grosseiros são conduzidos ao bem por suas conversações com os espíritas. Sob esse ponto de vista, nossa ação sobre o Além é eficaz e salutar.

Se existem maus espíritos, também há os bons.

Quando, com um coração sincero, suplicamos o socorro dos Céus, ele não nos envia legiões infernais.

A intervenção dos bons espíritos é indubitável se, como diz a Escritura, podemos julgar a árvore pelos seus frutos.

Quantos materialistas e ateus foram reconduzidos ao pensamento de Deus e da vida futura!

Quantos pobres seres desolados, desesperados pela perda daqueles que eles amavam, gozaram da consolação e do reconforto em seu intercâmbio com os caros mortos!

Quantos desgraçados, vergados sob o peso da vida, consumidos pelos sofrimentos, pelas enfermidades, pelas decepções, envolvidos pela idéia do suicídio, encontraram nos conselhos do Além – com a coragem de viver e a força moral – uma suavização de seus sofrimentos!

Nas horas de crise que atravessamos, é particularmente cruel procurar secar ou envenenar, por insinuações maldosas, a fonte onde tantos aflitos conseguiram um remédio para suas provações.

O padre Mainage escreveu na *Revue des Jeunes*.

“Que as almas, colhidas pelas dolorosas separações causadas pela guerra, se voltem, confiantes, para a doutrina da Igreja: nela acharão as mais vivas consolações, mais pacificadoras que as enganosas fantasias do Espiritismo, que apresenta falaciosas e perturbadoras imagens.”

Entretanto, caro padre, os desesperados de quem falamos foram primeiramente para a Igreja, que foi impotente para lhes dar a menor palavra de afeto e de esperança daqueles que lhes eram caros.

Jamais se sabe, com a doutrina católica, se nossos mortos queridos estão no inferno, no purgatório ou noutros lugares, se nós os reencontraremos um dia ou, então, se estamos separados deles eternamente.

Somente o Espiritismo pode dar a nós as provas tangíveis da sobrevivência e da presença dos nossos mortos queridos, com a certeza de nos reunirmos, após a morte, na vida infinita.

Por sua vez, o padre Coubé nos faz parar e nos diz:

“Desconfiai, pois o diabo é muito fino, muito astuto; ele sabe tomar todas as formas, todas as aparências, fingir-se de apóstolo, a fim de melhor atrair para suas malhas!”

Conhecemos bem esse raciocínio, que não é novo. Há cerca de dois mil anos os padres judeus já acusavam o Cristo de agir sob a influência de belzebu.

Nossa Joana D’Arc, cuja vida inteira foi uma epopéia espírita, um poema de mediunidade, foi condenada, como “feiticeira, evocadora de demônios”, por um tribunal eclesiástico onde figuravam, não apenas o vice-inquisidor e três bispos, mas, às vezes, até uma centena de padres de todas as categorias.

Hoje, a Igreja, após ter, no *Syllabus*,<sup>11</sup> lançado anátema à Ciência, à Razão e ao Progresso, condenou, por seu turno, o Espiritismo. Está conforme sua lógica. Estava anunciado que todos

os enviados de Deus seriam amaldiçoados, humilhados, perseguidos pelos religiosos.

A Igreja não se apercebe de que, condenando o Espiritismo, ela própria se condena, porque então elimina o milagre, isto é, o fenômeno espiritual que é sua própria base.

Por quais poderes, com que autoridade a Igreja Romana se arroga para julgar e condenar?

Qual é, portanto, o real valor de suas condenações?

Suas pretensões de infalibilidade repousam unicamente nas palavras de Jesus a Pedro, citadas no Evangelho de São Mateus:

“Vós sois Pedro; sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu vos darei as chaves do Reino dos Céus e tudo quanto desligardes sobre a Terra será também desligado nos Céus.” <sup>12</sup>

A Igreja afirma que essas palavras, passando por Pedro, se dirigiam à longa sucessão dos papas do futuro.

Serão elas, inicialmente, autênticas? Certos exegetas duvidam disso e da seqüência das modificações sofridas pelas Escrituras em diferentes épocas.<sup>13</sup> Notemos que essas palavras não se encontram nos outros evangelhos canônicos e que, pelo menos, não falam de infalibilidade.

Sabe-se que, originariamente, existiam cinquenta e quatro Evangelhos. Foi a Igreja, sozinha, que procedeu à escolha e decidiu que os quatro, atualmente conhecidos, eram de inspiração divina. Daí resulta que o Evangelho tira sua autoridade da Igreja e que esta, por sua vez, tira autoridade do Evangelho. Aí está um círculo vicioso, isto é, o mais pobre dos raciocínios possíveis.

Não existe, realmente, como justificar a atitude autoritária do clero sobre certas questões, nem sua tendência em fulminar tudo que lhe faça sombra e possa prejudicar a sua dominação.

Mais adiante, o Evangelho de São Mateus relata um incidente havido entre Jesus e Pedro, a propósito de uma viagem a Jerusalém. Jesus lança ao príncipe dos apóstolos a seguinte exclamação:

“Afastai-vos de mim, satanás, vós sois para mim motivo de escândalo, porque não entendeis as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens.” <sup>14</sup>

Essas palavras se dirigiam também a todos os papas do futuro? Em nenhum caso elas consagram sua infalibilidade. Mostram, igualmente, que o Cristo não atribuía às palavras “inferno” e “satã” o sentido que a Igreja lhes dá, isto é, de uma prisão eterna onde reina o gênio do mal.

Os Evangelhos estão cheios de contradições e a Igreja Romana desaconselha sua leitura aos fiéis, sem o concurso de um padre que os interprete.

As Igrejas Reformadas, bem diferentes no caso, recomendam o seu estudo e o livre exame, obtendo assim resultados morais superiores.

Não se poderia deduzir dessas críticas que somos um inimigo das religiões; ao contrário, pretendemos ser seu amigo sincero e clarividente.

Reconhecemos, sinceramente, que a religião é necessária à ordem social. Ela pode e deve introduzir na vida individual e coletiva elementos de disciplina, desenvolver o papel salutar do freio, amparando as almas no declive do vício e do crime.

Para exercer tal influência moral, para produzir todos os seus efeitos desejáveis, é preciso que ela esteja em harmonia com as necessidades intelectuais, com os conhecimentos e as aparições da época.

Ao contrário, se o divórcio se estabelece entre a razão e a crença, entre as inteligências e as consciências, daí resulta uma perturbação profunda e a sociedade se encaminha para a desordem, a anarquia e a confusão.

Como todas as religiões da Terra, as Igrejas Cristãs receberam a sua parte de revelações divinas.

O pensamento de Jesus visitou por muito tempo seus santuários, porém, as religiões cometeram o erro de crer que a comunhão

espiritual estabelecida pelo Cristo, entre elas e o Mundo Invisível, tinha um caráter exclusivo e temporário, quando essa comunhão é permanente e universal.

Conclui-se que secou, para elas, a fonte de onde jorram, abundantemente, as forças, os socorros e as inspirações do Alto.

As vozes do Espaço só eram ouvidas pelos santos ou fiéis privilegiados.

A ameaça das fogueiras e dos suplícios havia imposto silêncio à maioria dos intérpretes do Além, e o espírito da igreja Romana, em particular, não era mais fecundado pelo influxo divino.

Pouco a pouco, seu ensino se amesquinhou, sua concepção da vida e do destino se encurtou; a onda de descrença, de materialismo e de ateísmo aumentou, cresceu e sufocou nosso país.

Hoje, a Igreja Católica se tornou impotente em face das doutrinas negativistas porque seus participantes, já tivemos ocasião de dizê-lo, exigem provas sensíveis e demonstrações científicas e positivas.

Associando-se estreitamente à política reacionária, aos partidos retrógrados, a Igreja se tornou impopular na França e perdeu seu prestígio e autoridade.

Sem dúvida, no curso da guerra, muitos de seus membros fizeram nobremente seu dever, porém o Vaticano agravou sua situação ao tender ostensivamente para os impérios centrais, assim que acreditou em sua vitória.

No meio das provas terríveis que nos assaltam, diante do crescente perigo, a voz de Deus se faz ouvir e as incontáveis legiões do Espaço foram convocadas. Elas retomaram o contato terrestre, a fim de despertar no homem o sentimento da imortalidade, com a noção dos deveres e das responsabilidades que daí decorrem.

Se a Igreja houvesse compreendido seus verdadeiros deveres, teria corrido para acolher esse socorro do céu e teria dado aos fenômenos o lugar que lhes era devido.

Teria sentido que ali existe uma manifestação da vontade superior, à qual seria pueril e inútil se opor; teria obtido nos fatos psíquicos os elementos de uma renovação, o meio de infundir em seu corpo desgastado, dessecado pelos séculos, um sangue, um espírito novo, e de desempenhar ainda um papel importante na obra do progresso humano.

Entretanto, se, em sua cegueira, ela continua guardando uma atitude hostil, como a de qualificar de satânico o que é de ordem divina; se ela persiste em recusar a mão que lhe é estendida do Alto, para salvá-la, então ela própria se condenará a uma morte lenta, à queda e à ruína.

Poder-se-á aplicar a seus representantes, a seus defensores, as palavras da Escritura:

“Têm olhos mas não vêem, têm ouvidos mas não ouvem.”

## **Segunda Parte**

### **A Reencarnação e a Igreja**

#### **Capítulo IV**

Na revista católica *L'Idéal*, de 1917, o cônego Coubé consagrou três longos artigos para combater o que ele chama “a reencarnação ou a metempsicose”.

Inicialmente, observamos a intenção que se revela no fato de reunir e de confundir duas idéias diferentes, a fim de lançar sobre a primeira o descrédito que recai sobre a outra.

Os antigos entendiam por metempsicose a passagem da alma pelos corpos dos animais. É verdade que certos escritores e filósofos a aplicam também à passagem das almas para outros corpos humanos.

A reencarnação é designada muito mais freqüentemente sob o nome de “palíngenesia”.

Na opinião corrente, o termo metempsicose guardou seu sentido estreito e pejorativo.

O padre Coubé, como conhecedor do assunto, iguala dois termos que geralmente se excluem, na esperança de se aproveitar dos equívocos que daí possam resultar para a maior parte de seus leitores. Entretanto, ele não ignora que os espíritas repelem com energia toda hipótese da queda da alma para o reino animal. Nós acreditamos na evolução e não no retrocesso.

Nosso perispírito, ou corpo fluídico, que é o molde do corpo material no nascimento, não se presta às formas animais e tal razão, por si só, bastaria para tornar impossível semelhante regressão.

Os mesmos argumentos encontramos em outras críticas do padre Coubé.<sup>15</sup> Todas as sutilezas da dialética, todos os recursos da casuística e do silogismo foram postos em ação para lançar descrédito sobre a doutrina da reencarnação.

Todavia, apesar das habilidades de uma inteligência maleável, insinuante, engenhosa em desfigurar, em desnaturar as coisas mais simples e mais claras, a grande lei dos renascimentos se impõe com tanta força que obriga por vezes o eloquente pregador a se dobrar e a lhe render homenagem.

Por exemplo, após tê-la qualificado de “sistema medíocre e ridículo” e até “loucura ou impostura”; após ter dito: “A reencarnação leva o mal ao triunfo universal”, o autor deixa escapar (na página 218, da citada revista): “A reencarnação não é por si mesma uma idéia ímpia e não parece intrinsecamente impossível”; e mais adiante: “A reencarnação, a rigor, poderia conciliar-se com o dogma do céu cristão”.

Extraordinário poder, o da Verdade, que curva seus próprios detratores e os obriga a proclamá-la!

Eis aí um caso bem notável de psicologia, e mesmo que o estudo crítico do padre Coubé sobre a reencarnação não produzisse outro resultado além de colocá-la em destaque, ainda lhe deveríamos agradecer sua tentativa.

Fiel à costumeira tática, o padre Coubé assemelha doutrinas opostas, a fim de poder englobá-las numa só condenação. Assim ele fez no confronto entre o Espiritismo e a Teosofia; não nos ocupamos com esta última porque ela tem quem a defenda.

Quanto ao Espiritismo, por seus fenômenos que são de todas as épocas e de todos os lugares, por mil fatos na vida dos santos, por toda a mística cristã, foi ele classificado no mesmo rol e, para daí



expulsá-lo, seria necessário demolir, por inteiro, todo o edifício católico.<sup>16</sup>

Os testemunhos das mais respeitáveis autoridades eclesiásticas são concludentes sobre este ponto. Citamos apenas alguns deles, mas há muitos outros.

Na Doutrina Espírita também os encontramos. A doutrina das vidas anteriores e sucessivas imperava em toda a cristandade nos três primeiros séculos e eminentes prelados ainda a aceitam em nossos dias.

A reencarnação é afirmada nos Evangelhos com uma precisão que não deixa lugar a qualquer dúvida:

“Ele é o próprio Elias que devia vir.” (Mateus, 11: 14 e 15), disse o Cristo, a respeito de João Batista.

Jesus pergunta a seus discípulos: “Que dizem os judeus do filho do homem?” e eles lhe respondem: “Uns dizem que é João Batista; outros, Elias e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas.” (Mateus, 16: 13 e 14 e Marcos, 8: 27 e 28).

Os judeus, e com eles os discípulos, acreditavam então na possibilidade de renascer, a alma, em outros corpos humanos.

Os Evangelhos, normalmente ricos em metáforas, são de uma nitidez notável sobre essa questão.

A mesma convicção se deduz da conversa com Nicodemos e da questão do cego de nascença.<sup>17</sup> É preciso ser cego para se negar uma tal evidência.

Não é aos nossos obstinados contraditores, aos nossos adversários intransigentes, mas aos homens imparciais, desprovidos de preconceitos mesquinhos, livres em seus julgamentos, que apresentamos a questão, deixando a eles que se manifestem.

O Cristianismo primitivo estava inteiramente impregnado dessa doutrina das vidas sucessivas, que foi também a de Platão e a da Escola de Alexandria.

Todas as correntes do pensamento oriental coincidiam e transmitiam, à nova religião, uma vida jovem e ardente. Os mais ilustres, entre os cristãos, bebiam nessas fontes os elementos de sua ciência e de seu gênio.

Orígenes, Clemente, a maior parte dos padres gregos, ensinavam a pluralidade das existências da alma.

Já no século IV, São Jerônimo, em sua controvérsia com Vigilantius, reconhecia que a crença nas vidas sucessivas era a da maioria dos cristãos de seu tempo.

Sobre esse ponto de doutrina, Orígenes não foi condenado pela Igreja, como o padre Coubé acredita.

O Concílio de Calcedônia e o V de Constantinopla rejeitaram não a crença na pluralidade das vias da alma, mas, simplesmente, a opinião de Orígenes de que a união do espírito ao corpo é sempre uma punição e que a alma, inicialmente, viveu num estado angélico.

Esse ilustre pensador, que São Jerônimo considerava como “o maior dos cristãos, depois dos apóstolos”, não se dava conta da lei da educação e da evolução dos seres.

Na realidade, a Igreja nunca se pronunciou sobre a questão das existências sucessivas, ficando como um problema para solução futura.

Em todas as épocas, eminentes membros do clero católico adotaram essa crença e a afirmaram publicamente.

No XV século, o cardeal Nicolau de Cusa sustentou, em pleno Vaticano, a teoria da pluralidade das existências da alma e a dos mundos habitados, não apenas com a concordância, mas com os aplausos sucessivos de dois papas: Eugênio IV e Nicolau V.<sup>18</sup>

Eis outros testemunhos mais recentes:

G. Calderone, diretor de *La Filosofia della Scienza*, de Palermo, que abriu um grande inquérito sobre as idéias de nossos contemporâneos sobre a reencarnação, publicou algumas cartas trocadas entre monsenhor L. Passavalli, arcebispo vigário da

Basílica de São Pedro, em Roma, e Tancredi Canonico, senador do Reino, guarda dos selos, presidente da Corte Suprema de Cassação na Itália e católico convicto.

Citemos duas passagens de uma carta de monsenhor Passavalli:

“Desapareceram, para sempre, de meu espírito, essas dificuldades que me perturbavam, quando Estanislau, de santa memória,<sup>19</sup> ao espírito do qual eu atribuo, em grande parte, essa nova luz que me aclara, me anunciava, pela primeira vez, a doutrina da pluralidade das vidas do homem. Estou bem feliz por ver o efeito salutar dessa verdade sobre a alma de meu irmão”.

Outra citação:

“Parece-me que se pudéssemos propagar a idéia da pluralidade das existências, tanto neste como no outro mundo, como um meio de realizar a expiação e a purificação do homem, com o fim de fazê-lo digno de si e da vida imortal dos Céus, já se teria dado um grande passo, porque isso bastaria para resolver os mais difíceis e os mais árduos problemas que agitam, atualmente, as inteligências humanas.

Quanto mais penso nessa verdade, mais ela me aparece grande e fecunda em suas conseqüências práticas para a religião e a sociedade”.

Assinado: Louis, arcebispo.

Da correspondência inédita de T. Canonico, publicada ultimamente em Turim, resulta que ele mesmo havia sido iniciado na crença da reencarnação por Towiansky, escritor católico bem conhecido.

Numa longa carta, com a data de 30 de dezembro de 1884, ele expõe as razões pelas quais acha que essa crença nada tem contra a religião católica, apoiando-se em várias citações da Santa Escritura.<sup>20</sup>

Poderíamos multiplicar as citações, se não temêssemos fatigar o leitor.

Já dissemos o bastante para demonstrar que, sobre a questão das reencarnações, como a dos fenômenos e de suas causas, nós nos achamos diante das mesmas contradições, das mesmas incertezas, para não dizer da incoerência da Igreja Romana. Não obstante suas pretensões quanto à unidade de vistas e à infalibilidade, as oposições e as divergências não faltam em seu seio.

Assim, causa espanto o tom arrogante de seus representantes quando entre eles há tantas dúvidas e hesitações no que se refere aos mais essenciais problemas da vida futura e do destino humano.

O padre Coubé, conforme suas próprias palavras, faz comparecer a reencarnação diante do tríplice tribunal da Religião, da Moral e da Filosofia. É uma temerária empresa, porque o julgamento que ele provoca poderá terminar num fracasso completo.

Observemos, inicialmente, no que tange às religiões, que seiscentos milhões de asiáticos, bramanistas e budistas partilham de nossa crença.

Foi também a crença dos egípcios, dos gregos e dos celtas, nossos ancestrais; por conseqüência, ela faz parte de nossa herança nacional.

Vimos que o primitivo Cristianismo foi impregnado dessas idéias até o IV século; em nossos dias, as encontramos também no Islamismo, na forma de certas suratas do Alcorão.<sup>21</sup>

Daí resulta que a reencarnação é ou foi admitida por todas as religiões; somente o Catolicismo e os outros ramos do Cristianismo moderno escapam à regra universal, depois que fizeram o silêncio e a obscuridade sobre certas passagens da Escritura que afirmavam as vidas anteriores.

A Filosofia também lhe proporcionou as mais belas inspirações. Pitágoras, que a divulgou, foi considerado como um gênio por toda a Antigüidade. Platão foi cognominado *o divino* pelos pais da Igreja do Oriente.

A Escola de Alexandria, com sua plêiade de escritores, Filon, Plotin, etc., deu-lhe suas mais brilhantes obras. Kant e Spinoza a entreviam; mais recentemente, a lista dos homens ilustres que a adotaram, de Victor Hugo a Mazzini, encheria uma página inteira.

Ainda agora, ela reaparece nas teorias de Bergson, que parecem revolucionar todo o pensamento contemporâneo.

Quanto à moral, esta só tem que se beneficiar com a doutrina das vidas sucessivas.

A convicção de que o homem é o construtor de seus próprios destinos, de que tudo quanto lhe acontece, de bom ou de mau, recai sobre ele, em sombras ou luzes, estimula sua caminhada ascensional e o obriga a velar, escrupulosamente, pelos seus atos.

Sendo cada uma de nossas existências, boas ou más, a consequência rigorosa das que a precedem e a preparação das que a seguem, veremos nos males da vida o corretivo necessário dos nossos erros passados e evitaremos neles recair.

Tal corretivo será muito mais eficaz do que o temor aos suplícios infernais, nos quais ninguém mais acredita, nem mesmo aqueles que deles falam com uma segurança mais fantástica que real.

Com o princípio das reencarnações, tudo se aclara; todos os problemas se resolvem; a ordem e a justiça aparecem no Universo.

A vida toma um caráter mais nobre, mais elevado; torna-se uma conquista gradual e, por nossos esforços e com o concurso do Alto, adquire-se um futuro sempre melhor. O homem sente aumentar sua fé, sua confiança em Deus e, dessa concepção ampliada, a vida social recebe as profundas repercussões.

Ao contrário, não é uma pobre e lamentável idéia, a que consiste em crer que Deus nos concede uma só existência para nos melhorarmos e progredirmos?

Como uma existência cuja duração é de alguns anos, de alguns meses ou somente de poucas horas para uns, de oitenta a cem anos, para outros, tão diferente segundo as condições e o meio onde

estamos colocados, segundo as faculdades e os recursos que nos são oferecidos, pode ela ser a única base sobre a qual repousa todo o conjunto de nossos imortais destinos?

O padre Coubé não vê a contradição, a falta de equilíbrio que existe entre uma concepção tão estreita, tão insuficiente da vida, e a amplidão, a majestade que se revelam no plano geral da natureza?

Como pode ele conciliar a justiça e a bondade de Deus com a situação das crianças nati-mortas, dos que só vivem poucos instantes, ou dos condenados a sofrer desde o berço e por vezes durante muitos anos?

Não sabe ele que esses problemas fizeram o desespero de numerosos teólogos?

A existência humana não se harmoniza com o conjunto das coisas, se não encontrarmos nela o mesmo relacionamento que existe na ordem universal. Ora, esse relacionamento só pode ser realizado sob a forma de vidas anteriores e sucessivas.

O Ser Infinito não nos nega ilimitados meios para a reparação, o resgate e a renovação. Todavia, nosso respeitável contraditor recusa-se a ver na lei das reencarnações uma aplicação possível e satisfatória da idéia de justiça, e escreve:

“Com semelhante doutrina, Deus está desarmado diante do mal. O culpado, no lugar de se emendar, permanecerá obstinado no mal e se afundará nele, cada vez mais. A reencarnação não é uma sanção, porque deixa o homem livre.”

Para assim se expressar, o padre Coubé nunca avaliou toda a extensão dos sofrimentos de nosso mundo?

Não viu a longa fila das enfermidades, dos flagelos, numa palavra, todo o doloroso cortejo das misérias humanas?

Basta um olhar atento, lançado em nosso derredor, para reconhecer na dor física e moral, sob seus múltiplos aspectos, mil maneiras de realizar a expiação na justiça e, ao mesmo tempo, de propiciar a educação das almas, enquanto que as perspectivas de um inferno quimérico não apresenta senso prático, nem objetivo

útil e não satisfazem, de forma alguma, as exigências da sábia razão e da soberana eqüidade.

Quanto à argumentação do esquecimento do passado, que tantas vezes refutamos, nós nos limitaremos a remeter o padre Coubé às experiências sobre a renovação da memória das vidas anteriores, às reminiscências de ilustres personalidades, às das crianças prodígios e a tantos outros fatos, controlados, verificados, reconhecidos como exatos e que o espaço deste artigo não nos permite reproduzir.<sup>22</sup>

Bastará apelar, sobre esse ponto, do padre Coubé pouco esclarecido nessa matéria, para o padre Coubé melhor informado.

## Capítulo V

Em presença das catástrofes que abalam o mundo, muitas vezes os corações sofrem, os pensamentos se perturbam e perguntamos: Por que Deus permite tantos males?

Para tal pergunta, a Igreja Católica só apresenta respostas vagas e embaraçantes.

É, diz ela, a consequência da impiedade dos povos, de seu afastamento da religião, do desprezo aos seus preceitos e aos seus direitos temporais.

A Igreja esquece que o mais católico e o mais praticante dos povos, a Bélgica, foi o primeiro que sofreu, com mais intensidade, os horrores da última guerra.<sup>23</sup>

Esquece que uma outra nação católica, a Áustria, contribuiu para que a guerra se desencadeasse.

Dois monarcas devotos, meticolosos observantes das práticas religiosas, tendo sempre o nome de Deus na boca, um católico e outro protestante, carregarão para sempre a pesada responsabilidade dos crimes cometidos e das ondas de sangue derramado.

O ensino da Igreja, com sua doutrina de uma única existência para cada alma, é impotente para explicar tais dramas. É necessário buscar outra explicação.

Somente a filosofia das vidas sucessivas, a compreensão da lei geral do progresso, pode nos dar a solução do problema e conciliar a bondade e a justiça de Deus com as tragédias da História.

Recordemos primeiro que, quando vapores maléficos invadem a atmosfera e o ar se torna dificilmente respirável, a tempestade desaba e vem purificar o ambiente terrestre.

Da mesma forma, quando elementos mórbidos se desenvolvem no seio de nosso organismo, quando os micróbios infecciosos aumentam em número, uma crise sobrevém e a febre aparece.



É a luta entre os bons e os maus infusórios que povoam o corpo humano. Se estivermos destinados a viver, a luta prosseguirá até destruir os perigosos parasitas e nosso corpo recuperará saúde e vigor.

É assim o organismo social e planetário.

Deus não se desinteressa de nossos males. Ele vela pela Humanidade sofredora como um pai médico por seu filho doente, dosando seus remédios, de forma a conseguir de seus sofrimentos um estado de vida mais sadia e melhor.

A Humanidade, já o dissemos, está composta, em sua grande maioria, das mesmas almas que retornam por várias vidas, prosseguindo em seu progresso, em seu aperfeiçoamento individual, contribuindo para o progresso geral. Renascem no ambiente terrestre até que tenham conseguido as qualidades morais necessárias para subirem mais alto.

Em sua evolução, através dos séculos, a Humanidade sofreu crises que marcam as etapas de sua evolução. Atualmente, ela apenas está saindo de seu casulo, de sua ganga impura e grosseira, para despertar rumo a uma vida superior. Nossa civilização é toda superficial e oculta um fundo considerável de atraso.

A recente guerra representa a luta dos instintos egoístas e brutais contra as aspirações ao Direito, à Justiça e à Liberdade.

No curso de suas primeiras existências terrestres, a alma deve, acima de tudo, construir a sua personalidade e desenvolver a sua consciência. É o período do egoísmo, quando o ser atrai tudo para si, retirando do domínio comum as forças, os elementos necessários para constituir seu “eu”, sua própria originalidade.

No período seguinte, restituirá, irradiará, repartindo com todos os que adquiriu, sem se diminuir com isso, porque, nessa ordem de coisas, quem dá se acrescenta e, aquele que se sacrifica, acumula.

A Humanidade, em sua caminhada, já o afirmamos, chegou ao ponto de transição entre tais estados. Para cada um de nós, a juventude é o momento mais crítico da vida, porque, pela nossa

inexperiência, nosso arrebatamento, ela pode cometer atos que retardem nossa evolução e comprometam nosso destino.

O mesmo acontece com a Humanidade. Hoje, seu passado se depara com as faltas, os erros, os crimes, as traições, as perfídias, as espoliações que precisam de expiação pela dor e pelas lágrimas. Daí a crise atual.

A tempestade varreu os miasmas deletérios que envenenavam nossa atmosfera. O capital do egoísmo e do ódio, acumulado pelos séculos e acrescido pelos males do presente, deve ser quitado.

É também a reação dos elementos sãos contra os elementos em decomposição e, em consequência, um meio de educação e de melhoramento.

Em presença dos males causados pela guerra, os corações mais frios, os mais indiferentes se emocionam; a piedade e a sensibilidade despertam.

É ainda necessário o cadinho do sofrimento para que o orgulho feroz de uns, a apatia, a indiferença e o sensualismo de outros se atenuem, se desfaçam e desapareçam. Numa palavra, é preciso duras lições para despertar nosso mundo material e atrasado.

Quanto às vítimas da guerra, elas haviam aceitado suas provas antes que renascessem, seja para um resgate ou para progredirem.

Sem dúvida, que a lembrança das resoluções tomadas foi apagada de seus cérebros materiais e os padres Coubé e Mainage não deixariam de tirar argumentos desse esquecimento temporário.

Que eles reflitam na situação do homem que conhecesse antecipadamente seu destino e visse aproximando-se dele, dia a dia, acontecimentos terríveis que iriam envolvê-lo e massacrá-lo em sua engrenagem.

As almas humanas ainda são muito frágeis para suportar um tão pesado fardo.

É uma bênção de Deus deixar isso para um último instante, na ignorância do futuro, facultando inteira liberdade de ação.

Para compreender o que se passa em nossa volta, é preciso, portanto, reunir num mesmo conceito a lei de evolução e das responsabilidades ou da consequência dos atos, que recaem, através dos tempos, sobre os que os praticaram.

A ignorância dessas leis, dos deveres e das sanções que elas determinam, é a razão dos males e dos sofrimentos do momento atual. Se a Igreja as houvesse ensinado, não veríamos, certamente, se abrir sob nossos pés um tal abismo de males.

Esses princípios ela os conheceu outrora e sua doutrina tirou deles um brilho e um proveito incomparáveis; porém, nos tempos bárbaros, preferiu os espantalhos infantis, inventados para impressionar um mundo ignorante.

Agora, diante dos grandes problemas que se levantam, ela permanece vacilante, embaraçada, impotente para atender às lamentações e às recriminações que se elevam de toda parte; para dissipar as dúvidas que despertam, em muitos espíritos, a injustiça aparente da sorte e a crueldade do destino.

Pois bem. O que a Igreja não quer ou não pode fazer, o Espiritismo realizará. Ele abriu todas as grandes portas do mundo invisível que a Igreja havia fechado há séculos, e, por elas, raios de luz e tesouros de consolação e de esperança se espalharão, cada vez mais, sobre as aflições humanas.

Passada a tormenta, as nuvens escuras que nos ocultavam o céu se dissipam.

Um claro raio de sol brilha sobre as ruínas acumuladas e uma nova era começa para a Humanidade.

As ciências psíquicas tomam uma extensão considerável e trazem elementos de renovação para todos os domínios do pensamento e da arte. A própria religião deverá levar em conta as provas da sobrevivência.

Grandes coisas acontecerão, dizem os Espíritos. Almas valorosas reencarnarão entre nós para dar um vigoroso impulso ao progresso geral.

A consciência humana se desprenderá das estreitezas do materialismo e a filosofia se espiritualizará.

A incredulidade, que constitui o fundo do caráter francês, mesmo na maior parte dos católicos que só agem pelos hábitos e pela rotina, se transformará, pouco a pouco, numa fé esclarecida, baseada na razão e nos fatos.

A vida social se transformará com a educação, e a moral exercerá seus direitos.

Sem dúvida que estaremos ainda longe da perfeição, mas, pelo menos, um passo considerável terá sido dado na via do progresso, aproximando-nos da unidade de vistas por uma compreensão mais alta e mais clara da idéia de Deus e das leis universais de Justiça e Harmonia.

## Capítulo VI

Já examinamos todas as razões apresentadas pelos padres Coubé e Mainage para combater a doutrina das vidas sucessivas. A maior parte são pueris; todas são injustas, errôneas e se voltam com força sobre eles.

Suas críticas, que não inspiram nenhum sentimento de imparcialidade, que não sustentam um conhecimento aprofundado do assunto, se dissipam como vã fumaça ao menor exame.

Mesmo no seio da igreja Romana, elas estão em contradição sobre esses pontos essenciais com os pensadores e escritores ilustres.

É bem evidente que a campanha empreendida por ordem superior contra nós não foi precedida de um estudo sério da questão. A fraqueza dos raciocínios demonstra a insuficiência do preparo.

O maior recurso, o refúgio supremo do padre Coubé, é sempre a teoria do inferno. A cada página de *L'Idéal*, ele retorna a essa teoria como uma verdadeira obsessão. Para ele, isso resolve tudo.

Compraz-se com métodos já ultrapassados, que a maioria dos pregadores já não usa mais, há muito tempo.

Não é estranhável ver esse ódio que, durante séculos, causou tantas perturbações mentais, provocou tantas devastações, engendrou abusos sem conta, ainda afetar certos cérebros eclesiásticos?

Por sua vez, o padre Mainage ousa escrever na *Revue des Jeunes*: “O Espiritismo conduz ao desequilíbrio das faculdades mentais”.

Seria oportuno lembrar os casos de loucura mística causados pelo tema das penas eternas. Por exemplo, o daquele pai de família (do qual todos os jornais deram notícia) que estrangulou seus filhos pequeninos para gozarem das delícias do paraíso, em face de seu estado de inocência... Todavia, não mais insistiremos o assunto.

Em sua apologia sobre o inferno, o padre Coubé assim se expressa:

“O inferno não é, em si, uma crueldade, porque a crueldade consiste em fazer sofrer uma criatura para se regozijar com suas dores, portanto, além do que ela merece e do que a ordem reclama.”

Responderemos que é sempre cruel infligir, a um ser, sofrimentos que não deixam qualquer esperança e que não admitem qualquer solução. No Universo inteiro, o sofrimento é, principalmente, um processo educativo e purificador.

Considerando-o como uma expiação temporária, do ponto de vista da justiça divina e segundo o Espiritismo, ele nos aparece como um recurso de evolução, pois, desenvolvendo nossa sensibilidade, nos faz progredir, tornando mais intensa a nossa vida, ao passo que, com as penas eternas, ela não é mais do que uma baixa vingança, uma crueldade inútil.

Ora, Deus nada faz sem finalidade e esse objetivo é sempre grande, generoso e proveitoso para suas criaturas.

O padre Coubé não deve ignorar que a maior parte dos teólogos renunciou à teoria das penas eternas. Com efeito, foi estabelecido que o termo em hebraico, que se traduz por “eterno”, não significa “sem fim”, mas somente “de longa duração”.

A Bíblia qualifica de eternas muitas coisas que já desapareceram com o tempo, por exemplo, o monumento que Josué mandou erigir para comemorar a chegada do povo de Israel à Terra prometida.

Não seria um estudo bem curioso o dos esforços de imaginação tentados por nossos adversários para escorar essa teoria que desmorona por todos os lados?

Com esse objetivo, eles têm acumulado as contradições sobre os erros e as impossibilidades. Por exemplo, como entender que Deus tenha podido impor a satã a tarefa de atormentar, no Além, os que o serviram neste mundo?

As almas dos condenados, dizem, sofrem, ao mesmo tempo, tormentos físicos e torturas morais, mas, como causa espanto que espíritos possam sofrer materialmente, criou-se o dogma da ressurreição da carne, isto é, a reconstituição final do corpo humano, cujos elementos, dispersos por todas as correntes da natureza, serviriam, sucessivamente, a mil formas de vida.

A qual dessas formas humanas serão restituídos tais elementos? Terrível questão!

Uma outra consideração, não menos embaraçosa: Deus, em sua presciência, conhecendo, por antecipação, a sorte das almas, as teria criado, na grande maioria, para perdê-las, já que, segundo a célebre sentença, “há muitos chamados e poucos escolhidos”?

Quanta confusão, quando é mais fácil descobrir a Verdade! Basta lançar um olhar em volta de nós para reconhecer que a dor física reina, soberana, em nosso mundo.

A Terra é o verdadeiro purgatório, o inferno temporário.

O sofrimento das almas, na vida do Espaço, só pode ser moral. Ele resulta, dizem os espíritos, da ação da consciência, que se revela imperiosa, até entre as almas mais atrasadas. O espírito sofre, principalmente, pela lembrança de suas existências passadas.

No meio de tantas obscuridades acumuladas pela Igreja, no curso dos séculos, não é estranho que a pobre Humanidade tenha perdido seu rumo e erre, sem bússola, à mercê das tempestades da paixão, da dúvida e do desespero?

Oxalá o Espiritismo venha aclarar, para todos, o caminho da vida. Com ele não há mais afirmações sem provas e, em consequência, sem efeito possível sobre os materialistas.

O Espiritismo repousa num conjunto de fatos e de testemunhos que, aumentando sempre, garante seu lugar na Ciência e lhe prepara um esplêndido futuro. Todas as recentes descobertas da Física e da Química confirmaram suas experiências.

A aplicação dos raios X, os trabalhos de Becquerel e de Curie sobre as maravilhosas propriedades radiantes dos corpos

demonstraram, objetivamente, o que os espíritos ensinam há muito tempo, isto é, que existem estados sutis da matéria e formas de vida até então desconhecidas dos sábios.

O Espiritismo não nos revela somente as leis profundas desse mundo invisível ao qual pertencemos. Desde agora, pelos elementos essenciais e imperecíveis de nosso ser, ele nos mostra, por toda parte, a ordem e a justiça no Universo; estabelece as responsabilidades da consciência humana e a certeza das divinas sanções, coisas que exasperam os ateus e perturbam a calma dos gozadores.

E são essas doutrinas, esses ensinamentos do mais elevado e do mais austero espiritualismo que se afirma serem ditados e inspirados por satã!

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma fé. Como fé, pertencemos não a esse cristianismo desfigurado, amesquinhado, rebaixado pelo fanatismo, pela beatice dos corações amargurados e das almas pequeninas, porém, à religião que une o homem a Deus, em Espírito e Verdade.

Jamais sonhamos em criar um Novo Evangelho. O de Jesus, em sua interpretação real, nos basta plenamente. Somos pelas doutrinas amplas, nas quais a alma humana encontra um abrigo, onde o coração se expande, onde a Verdade resplandece como um diamante puro de mil facetas, onde a asa do pensamento não é mais comprimida em seu vôo para o Infinito, segundo a própria palavra da Bíblia: *Ubi spiritus, ubi libertas*.<sup>24</sup>

A Igreja que não admite essa divisa não é a nossa!

Apoiados nessa ciência e nessa fé, somos invulneráveis e aguardamos confiantes o futuro.

Se, um dia, o grande ideal intelectual desejado pelos sábios, entrevisto por todos os renovadores, vier a se realizar pelo acordo entre a Ciência e a Fé, é ao Espiritismo, às suas laboriosas investigações, à sua consoladora e elevada filosofia que a Humanidade o deverá.



É graças a ele que se cumprirá a bela profecia de Claude Bernard:

“Virá a hora em que o sábio, o pensador, o padre e o poeta falarão a mesma língua.”

## **Conclusão**

Ao término deste trabalho, lanço um olhar panorâmico sobre a obra da Igreja Católica Romana e resumo meu pensamento nestes termos: apesar de suas manchas e suas sombras, é grande e bela a história da Igreja, com sua longa série de santos, de doutores e de mártires.

Ela foi, nos tempos bárbaros, o asilo do pensamento e das artes e, durante séculos, a educadora do mundo. Ainda hoje, suas instituições de benemerência cobrem a Terra.

Entretanto, a obra da igreja teria sido incomparavelmente mais bela, mais eficiente, se tivesse ensinado sempre a Verdade em sua plenitude, feito a luz completa sobre o destino humano, mostrado a todos o objetivo nobre e elevado, embora longínquo, de nossas existências.

Como sua autoridade teria crescido, como seu prestígio teria aumentado se, no lugar de embalar as gerações com vãs quimeras, ela lhes mostrasse Deus, na majestade de suas leis, no esplendor e na harmonia de seus universos, ofertando a todos os seus filhos as possibilidades da reparação pelas provas, do resgate pelo sofrimento e guiando a ascensão eterna de todos os seres para estados sempre melhores, numa crescente participação em suas obras sublimes!

Se a Igreja tivesse feito isto, não veríamos a indiferença, a incredulidade e o materialismo se expandirem, provocando suas destruições por toda a parte.

Se a Igreja houvesse ensinado, sob suas formas reais, as leis de justiça e de responsabilidade, a comunhão íntima dos dois mundos e a certeza do reencontro com aqueles que se ama, não veríamos tantas revoltas contra Deus, tanto desespero e suicídios. Não veríamos as paixões, as cobiças, os furores se desencadearem sobre nós e, talvez, não mais nosso desgraçado país ameaçado de cair num estado de decadência moral irremediável.

Também, constatando os efeitos de seus ensinamentos, podemos perguntar se nossos contraditores, em suas afirmações e suas críticas, estão realmente seguros de si mesmos, para seguirem a via traçada pelo Alto.

As dúvidas, as vacilações de numerosos padres, suas lutas interiores e suas confidências nos levam a crer no contrário.

Cruel é a situação de tantos homens respeitáveis, colocados entre as exigências de sua razão e as do dogma. Esta situação se agravará ainda mais e tornará doloroso o dia em que, transpondo os portais do Além, eles se acharem em presença da multidão daqueles a quem tinham o dever de guiar, de aconselhar, de dirigir, e que lhes perguntarão, com insistência, por que as condições da vida espiritual se encontram tão diferentes de tudo o que lhes ensinaram neste mundo.

E se o Cristo, o Mestre de todos nós, aparecendo no brilho de sua glória, lhes pedir contas, por sua vez, da missão confiada e do uso de sua verdadeira doutrina, que resposta lhe darão?

Diante dessas eventualidades temíveis, não insistiremos e deixaremos à consciência de nossos adversários a obrigação da resposta.

## Transcrição

Transcrevemos, a seguir, trecho da obra *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo, sua Vida, sua Obra*, de autoria de Gaston Luce, que aborda o livro que ora traduzimos:

“A religião – escrevia Denis –, para ser realmente viva, para exercer o grande papel que lhe compete, na ordem social, de educador e moralizador, deve ser uma alta e clara síntese de tudo quanto a Humanidade pôde adquirir sobre o Universo e a Vida, sobre o elevado objetivo da existência e dos destinos da alma.

Esse conhecimento se concretiza por dois modos: a Ciência, que é toda observação e experiência, é a obra humana; depois, a Revelação, que é obra do Mundo Invisível.

É indispensável que as duas correntes de ensino concordem nas conclusões e é na sua adoção que a Religião se torna realmente eficaz e atende às necessidades e às aspirações de uma época.”

É o Espiritismo que garantirá a síntese da ciência e da Revelação. É por ele que serão formadas as almas, preparadas contra o mal e submetidas à lei do dever e das disciplinas sociais, porque não haverá renovação possível de outra forma.

É por ele que se imporão as linhas mestras, as formas exatas dessa Religião do futuro, que se esboça e se prepara sob tantos pontos, na hora atual; Religião de fraternidade e de amor, anunciada, há dois mil anos, pelo Cristo e que os homens ainda não puderam compreender e praticar.

Os ataques haviam recomeçado e a campanha contra o Espiritismo aumentava em violência.

O padre Coubé, em seus roteiros de pregação e na revista *L'Idéal*, o padre Mainage, em seu púlpito, na *Libre Parole* e na *Revue des Jeunes*, os cardeais inquisidores do Santo Ofício, em Roma, todos se uniam contra a heresia espírita.

Que afirmava o padre Coubé em seus sermões e o que escrevia o padre Mainage em seus artigos? Nada de novo. Reconheciam a realidade dos fenômenos espíritas, mas concordavam em lhes dar um cheiro de enxofre.

Os fenômenos espíritas – escrevia o eminente diretor da Universidade Católica – têm por origem “um princípio mau, bem ativo, e que emprega os meios para cegar as almas e perdê-las”.<sup>25</sup>

A esta opinião Léon Denis contrapunha Monsenhor Chollet, bispo de Verdun e antigo professor da Faculdade Católica; Monsenhor Benson, filho do arcebispo de Cantuária, convertido à religião católica, cujos escritos não são em nada opostos ao Espiritismo; o padre Lacordaire; o cardeal Bona, o Fénelon da Itália. Remontava a São Tomás de Aquino, a Santo Agostinho, estabelecendo, facilmente, que os católicos, sobre esse assunto, estavam em completa contradição.

O Espiritismo – escrevia o padre Coubé, prosseguindo numa idéia fixa – é o culto a satanás.

Seria preciso provar, inicialmente, que satanás tem existência real, o que não está demonstrado.

Esse velho símbolo, tirado do Maniqueísmo,<sup>26</sup> já está bem desgastado, respondia o Mestre; já serviu por tanto tempo, que não tem mais eficácia e se trata de um terreno escorregadio para a Igreja.

“Atribuir aos demônios os fenômenos espíritas é esquecer as almas do Purgatório, a comunhão dos Santos, a reversibilidade dos méritos, etc., isto é, tudo quanto resulta dos pactos concluídos com as Entidades do Espaço.

Os verdadeiros teólogos não podem desconhecer a analogia gritante que existe entre os fenômenos espíritas e os da doutrina cristã.”

Parece que, embora um pouco tardiamente, isto vai sendo hoje compreendido.

O escritor espírita destacava, a seguir, com energia, o quanto a atitude da Igreja contemporânea é contrária à sua própria doutrina e prejudicial a seus interesses e aos da civilização inteira.

Para introduzir elementos de disciplina na vida individual e coletiva, a religião deve colocar-se em harmonia com as necessidades intelectuais, com os conhecimentos e as aspirações da época.

Ora, a igreja Católica e as Igrejas Cristãs “perpetraram o erro de crer que a comunhão espiritual estabelecida pelo Cristo, entre elas e o mundo invisível, tinha um caráter exclusivo e temporário, quando essa comunhão é, na verdade, permanente e universal.

Conclui-se que secou, para elas, a fonte de onde jorram, abundantemente, as forças, os socorros e as inspirações do Alto.

O influxo divino não veio mais fecundar o espírito do Catolicismo; a incredulidade e o ateísmo submergiram tudo.

Nessa mesma brochura, as contradições da Igreja estavam assinaladas com um grande vigor de argumentação. Um importante capítulo sobre a Reencarnação terminava essa incisiva, eloqüente e corajosa defesa da Doutrina.

**FIM**

## Notas:

---

- <sup>1</sup> “Bulletin Mensuel de la Ligue de la Communion Fréquente et Quotidiene.”
- <sup>2</sup> Editor Pierre Téqui, 1917.
- <sup>3</sup> Ver, principalmente, *No Invisível*, capítulo XXIII.
- <sup>4</sup> Atualmente, arcebispo de Cambrai (1921).
- <sup>5</sup> Reproduzido pelo *Matin*, de 15 de abril de 1912.
- <sup>6</sup> Swetchine, Anne-Sophie (1782-1857), escritora francesa, de nacionalidade russa, autora de *Letters e Pensées*, de inspiração mística.
- <sup>7</sup> Trata-se, evidentemente, de um cristão católico.
- <sup>8</sup> *De Cura pro Mortuis*, edição beneditina, tomo VI, Col. 527.
- <sup>9</sup> Ver *L'Idéal*, julho de 1917, pág. 326.
- <sup>10</sup> Ver *Le Spiritisme dans l'Église*, por Chevreuil (1923, págs. 282 a 285).
- <sup>11</sup> Syllabus (em português, Sílabo): lista de erros condenados pelo Papa. O Sílabo promulgado por Pio IX, em 1864, é uma coletânea de 80 proposições latinas que contém os principais erros filosóficos, políticos, morais, doutrinários, etc., condenados pela Igreja. In: *Lello Universal*.
- <sup>12</sup> Mateus, 16:18.
- <sup>13</sup> Ver meu livro *Cristianismo e Espiritismo*, Caps. II e III.
- <sup>14</sup> Mateus, 16:23.
- <sup>15</sup> Em suas conferências de Paris e do interior e no seu livro *La Religion Spirite*, o padre Mainage se entrega a uma refutação análoga sobre a doutrina das vidas sucessivas.
- <sup>16</sup> *Le Spiritisme dans l'Église*, de L. Chevreuil - Jouve et Cie., éditeurs, 1923.

- 
- <sup>17</sup> O padre Didon o confirma, nestes termos, em sua *Vie de Jésus*: “Acreditava-se, entre os judeus, no retorno da alma dos mortos para os vivos”.

O sábio beneditino Dom Calmet assim se exprime, em seu comentário sobre a passagem das Escrituras, relativa ao cego de nascença: “Vários doutores judeus acreditavam que as almas de Adão, Abraão, de Finéia animaram, sucessivamente, vários homens de sua nação. Não é, portanto, nada estranhável que os apóstolos tenham raciocinado como se raciocinava então sobre o cego de nascença e que eles acreditassem que ele tivesse cometido algum pecado secreto, antes de seu nascimento, e que o levara àquela situação”.

- <sup>18</sup> Ver *Méditations sur la Loi da Progrès; La Statistique Morale et la Verité Religieuse*, pelo coronel Dusaert - Paris Didier, 1882.

- <sup>19</sup> Monsenhor Estanislau Fialkowsky, morto na Cracóvia, em 18 de janeiro de 1885.

- <sup>20</sup> Ver *Annales des Sciences Psychiques*, setembro de 1912.

- <sup>21</sup> Surata: nome dado aos capítulos do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, escrito em árabe, composto de 114 suratas ou capítulos.

- <sup>22</sup> Ver meu livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*.

- <sup>23</sup> O autor se refere à 1ª Grande Guerra.

- <sup>24</sup> “Onde está o espírito do Senhor aí está a liberdade”. (II Coríntios, 3:17).

- <sup>25</sup> Ver a brochura *Le Spritisme et le Clergé Catholique* - Editions de B.P.S., Rua Copernic nº 8 - Paris.

- <sup>26</sup> Maniqueísmo: Doutrina segundo a qual o Universo foi criado e é dominado por dois princípios antagônicos e irreduzíveis. Deus ou o Bem absoluto, e o mal absoluto, ou o diabo. In: *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.